Devorando a carcaça: contracozinhas e dietas alternativas na alimentação animal

Bernardo Lewgoy
UFRGS

Caetano Sordi
UFRGS

O campo alimentar-nutricional transformou-se em uma autentica arena retórico-política nas sociedades "de risco" (Beck, 2010) devido às suas íntimas conexões com a saúde das populações, o meio-ambiente e a economia. A emergência de dietas e modos de vida alternativos, como o veganismo, o crudivorismo, a alimentação orgânica, entre outros, compõe um rol de opções bastante diverso para o plantel de novíssimos críticos do sistema produtivo. De acordo com Ulrich Beck, estes novíssimos críticos são atores que "sabem argumentar, estão bem organizados, têm [...] acesso a algumas publicações e estão em condições de oferecer argumentos na esfera pública e nos tribunais" (2010:300). Não obstante, como também reconhece o sociólogo alemão, aqueles que se veem subitamente expostos no "pelourinho da produção de riscos" (:38) tendem a cedo ou tarde reagir através de seus dispositivos de intervenção na sociedade, lançando mão de certa "contraciência institucionalizada em termos empresariais" (:38). Assim parece atuar a indústria agroalimentar nos dias de hoje, já que se vê acossada desde diversos flancos a expor os fios de sua caixa preta sociotécnica (Latour, 2001, 2004, 2009).

Como mostram Segata (2012) e Kulick (2009), problemas clássicos das sociedades do capitalismo avançado, como a depressão e a obesidade, já se fazem diagnosticar profissionalmente em animais de estimação. É esperado, portanto, que soluções profissionalmente mediadas para estes problemas também surjam no contexto de tradução interespecífica dos problemas da sociedade de risco. Para o presente trabalho, elegemos como foco de análise algumas controvérsias, leigas e profissionais, envolvendo a alimentação de animais domésticos, em que se enfatiza o contraste entre o gado visto pela ótica tecnoindustrial como "máquina" e os animais de estimação, bem como suas possíveis relações e mútuas reverberações com o campo mais conhecido das polêmicas alimentares humanas.

É importante destacar que a indústria da alimentação de *pets* é um negócio

Anuário Antropológico/2011-II, 2012: 159-175

globalizado que rendeu, em 2010, um faturamento de 50 bilhões de dólares para as 10 principais companhias do *ranking* mundial.[1] Todas essas indústrias investem milhões em pesquisa e desenvolvimento, e operam agressivamente na disputa por mercados, como a Hill, pertencente à Colgate-Palmolive, que estimula pesquisas sobre palatabilidade e nutrigenômica, além de adotar a divisa – bastante própria da sociedade de risco – "querendo consumidores que se interessem em saber por que nossas fórmulas são feitas do jeito que são". Duas das três últimas companhias do *ranking* são brasileiras, e são responsáveis por um faturamento anual de cerca de 1 bilhão de dólares.

Destas, que não representam nenhuma das marcas mais conhecidas, como Purina, Whiskas e Pedigree, pelo menos uma, a Total alimentos (sediada em Três Corações, MG) e com um faturamento de vendas de 400 milhões de dólares), orgulha-se de ser a líder no segmento "fabricação verde", e integrou-se a um programa de sustentabilidade em associação com a ANFALPET, associação comercial do setor no Brasil, a fim de desenvolver rações certificadas.[2] A indústria de *pet food*, com sua atual ênfase na segurança alimentar, nos alimentos *premium* para as diversas idades e condições de vida dos *pets*, aposta na "pedomorfização" (Miklósi, 2007) dos animais, encarados como eternos filhos pequenos das famílias.

Alimentando zoomáquinas: os casos dos animais de produção

Um ramo paralelo da nutrição animal, que move outra rede de transações globais bilionárias, é aquele destinado à alimentação de animais de produção. Este setor da indústria, no entanto, pode ser considerado como parte constituinte da agroindústria alimentar *humana*, já que se dedica a nutrir animais que serão posteriormente consumidos por seres humanos (seja em forma de carne, através do processamento de suas carcaças, seja em forma indireta, através de seus subprodutos, como os laticínios). No setor pecuário de corte bovino, a nutrição animal é considerada, juntamente com as boas práticas de manejo, sanidade animal e sustentabilidade ambiental, um dos quatro pilares da produção eficiente de carne. Em termos êmicos, seu maior objetivo é produzir uma boa "engorda", de modo que o eixo de preocupação dos especialistas se desloca do campo propriamente *alimentar* – entendido aqui como o que tangencia o aspecto qualitativo dos alimentos – para o campo basicamente *nutricional*, isto é, os seus aspectos quantitativos e físico-químicos.

Em uma palestra sobre nutrição animal ocorrida na última FEICORTE (Feira Internacional da Cadeia Produtiva da Carne), em São Paulo, um especialista da área resumiu o princípio orientador da nutrição bovina da seguinte forma: "a

conta que interessa de conversão biológica é o quanto de matéria seca [pasto ou ração] tem de ser consumida para produzir tantas arrobas no gancho". Unida a outras declarações recorrentemente ouvidas neste campo etnográfico, que simetrizam as reses com "máquinas de produzir carne através de capim", percebe-se que a nutrição animal é compreendida, neste setor, mais como uma espécie de *matéria-prima* do que como *alimento*, pois visa acima de tudo potencializar a funcionalidade das "máquinas animais" (Porcher, 2011). Paralelamente à indústria da alimentação bovina *strictu sensu* (rações, pasto "proteinado" etc.), desenvolve-se toda uma indústria de suplementos dedicados ao bom funcionamento do rúmen (o órgão digestivo do animal), compreendido como uma espécie de tanque de processamento da máquina bovina. Isto se dá justamente por ser o rúmen o local onde as fibras vegetais, humanamente indigeríveis, são processadas. Lê-se em um manual de nutrição bovina:

> Os sistemas de produção de carne bovina no Brasil passam, neste momento, por uma série de modificações no sentido de alcançar maior produtividade. A necessidade de reduzir a idade ao abate, de aumentar os índices de fertilidade e de lotação animal nas propriedades têm implicado o maior uso de alimentos concentrados e de pastagens melhoradas. A adoção de programas de alimentação, tais como o confinamento e o semiconfinamento dos animais, como alternativa para enfrentar o período de escassez das pastagens, é cada vez maior no território brasileiro. A identificação e a prevenção dos distúrbios relacionados ao manejo nutricional mais intensivo auxiliam na obtenção da maior eficiência econômica, objetivo maior da intensificação de qualquer sistema de produção (Andrade, 1999:11).

A caixa preta desta gigantesca indústria começou a ser aberta nas décadas de 1980 e 1990, devido aos surtos de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB), doença popularmente conhecida como "Vaca Louca", nos países do hemisfério norte (Lévi-Strauss, 2009; Wilkie, 2010). Os pesquisadores identificaram uma forma especial de proteína, chamada *príon*, como agente etiológico da moléstia. Quando transposta a barreira interespecífica bovino-humana, o príon pode desencadear uma doença neurológica grave, o Mal de Creuzfeld-Jakob. Os surtos da Vaca Louca tiveram um impacto negativo sobre a indústria da alimentação animal na medida em que os pesquisadores associaram a epidemia ao consumo de um produto agropecuário específico: a farinha de carne e ossos (conhecida nos países de língua inglesa como MBM, *Meat and Bone meal*) que servia de matéria-prima para um sem-número de rações e suplementos alimentares bovinos. Ao serem

comunicados de que sua carne era alimentada por restos desta mesma “carne”, em uma espécie de canibalismo bovino via ração industrial (Lévi-Strauss, 2009), consumidores europeus e norte-americanos passaram a cobrar mais transparência da cadeia agroalimentar, e muitos deles se tornaram mais sensíveis aos apelos críticos e anti-industrialistas de certas organizações ambientais.

Por sua vez, um evento crítico parecido, o grande *pet food recall* de 2007,[3] expôs as vísceras da caixa preta de outro ramo da indústria da alimentação, dedicada aos animais de estimação. Nesta ocasião, foram reportadas centenas de mortes de animais (cães e gatos) por falência renal nos Estados Unidos, Canadá, Europa e África do Sul, causadas por uma fraude em um dos insumos para rações que era comprado por vários fabricantes norte-americanos de um fornecedor chinês. Assim como no caso da Vaca Louca para a nutrição bovina, o grande *recall* de 2007 auxiliou na exposição dos fios constitutivos da rede sociotécnica da *pet food*, e serviu, ademais, como catalisador para a proliferação de propostas alternativas e antissistêmicas de nutrição animal.

Contestações naturalistas: as *evodiets* para *pets*

A partir deste evento crítico,[4] um grande número de livros denunciando a indústria da *pet food* ou orientando para a alimentação alternativa começou a circular no mercado editorial do hemisfério norte.[5] Este fato aumentou os clamores por mais rigor na regulação dos padrões sanitários de produção, fiscalização e certificação da indústria da ração animal de *pet*

É nesse nicho crescente das dietas alternativas para animais domésticos que se insere a eclética proposta da veterinária e jornalista Sylvia Angelico, do blog *Cachorro Verde.*[6] Tomamos este exemplo como significativo por ser um nó de rede das diversas tendências existentes hoje no campo da alimentação natural para *pets*.

O *Cachorro Verde* prega a recusa da alimentação industrial e a volta a padrões supostamente originários de alimentação, o que combina várias referências, tomando como base a ideia da sabedoria da “mãe natureza” como padrão alimentar. A aplicação destes princípios modifica desde a natureza do alimento oferecido e seu preparo até as próprias práticas alimentares dos animais de estimação. O blog *Cachorro Verde* abriga vários paradigmas de alimentação, além de narrativas bem distintas sobre (co)evolução e adaptação de animais domésticos, e por vezes rivais em outros contextos. Assim, a proposta dos “Ossos Carnudos Crus” (RMB, ou *Raw Meaty Bones*), de Tom Lonsdale, e a “BARF” (Alimentação Crua Biologicamente Apropriada), de Ian Billinghurst – ambos veterinários australianos – convivem com dietas vegetarianas ou veganas para animais de estimação, e são todas oferecidas no *site* como mais saudáveis e apropriadas, de acordo com

um núcleo discursivo comum sobre "dietas animais evolutivamente corretas" (*evodiets*). Em seu *site*, a veterinária oferece opções cozidas e cruas, embora afirme preferir a dieta de ossos carnudos crus, de Tom Lonsdale, tendo inclusive traduzido o livro deste autor.[7]

Lonsdale, veterinário formado nos anos 60 e altamente influenciado pela "hipótese de Gaia", de James Lovelock, defende que sua proposta de *Raw Meat Bones*, que consiste na oferta de carcaças cruas para os *pets* devorarem, é uma mudança completa no estilo de vida dos animais e de seus donos, na medida em que esta se aproximaria ao máximo do modo como os "canídeos selvagens" se alimentariam:

> O nome que damos a animais predadores é carnívoro, o que significa comedor de carne. Mas isso é só uma parte da verdade. Se alimentarmos leões, lobos ou cães com carne e nada além de carne, problemas aparecem. É essencial que predadores tenham bastante osso em suas dietas para que seus próprios ossos cresçam fortes. Se descrevêssemos nossos animais predadores como carcacívoros, acredito que estaríamos a meio caminho andado de compreender suas necessidades alimentares e, portanto, de nos prepararmos para atender a essas exigências – carcaças inteiras de outros animais. A essa altura você deve estar um pouco nervoso. Provavelmente, você e seus pets vivem em um local civilizado, bem distante da Natureza mostrada nos documentários do Discovery Channel. Por favor, relaxe. Precisamos de fundações sólidas. Precisamos entender o que a Natureza pretendia. Uma vez feito isso, teremos uma base firme sobre a qual construiremos uma alternativa composta por ossos carnudos crus e restos de comida que ofereçam praticidade, economia e eficiência para contemporâneos proprietários de pets.[8]

Assim, os animais devem se alimentar no chão e ter o prazer de despedaçar carne e ossos, sem necessidade de outros nutrientes além daqueles encontrados nas carcaças (incluindo as vísceras). Lonsdale já sofreu processos e tentativas de cassação de seu diploma e direito de exercer a profissão – nenhuma bem-sucedida. Seus críticos afirmam que Lonsdale promove a insegurança alimentar através dos riscos (micro-organismos, putrefação, dificuldade de controlar a qualidade e a origem das carcaças) contidos nas dietas de ossos carnudos crus.

Neste sentido, há um paralelo entre a controvérsia desencadeada por Lonsdale e a troca de alegações de risco envolvendo a grande indústria agroalimentar e o setor de orgânicos, na qual cada um dos lados em disputa apresenta o outro como a "verdadeira" matriz potencial de riscos, e a si mesmo como solução ideal para mitigá-los.

Partindo de uma base crudivorista comum, o criador da BARF, Ian

Billinghurst, diverge de Lonsdale ao salientar o caráter onívoro ou oportunista da alimentação ancestral dos cachorros, ou seja, permite inserir alguns vegetais e frutas em sua dieta, assim como a moagem dos ingredientes. A BARF simplificou a ênfase crudivorista convertendo-se num negócio com sua própria indústria de rações secas, promovendo uma aproximação com o nicho verde da indústria da *pet food* – com "origem crua e 100% australiana", o que ocasionou ácidas críticas dos crudivoristas da RMB e a ruptura da amizade com Lonsdale.

É interesse destacar que, para estas perspectivas, o cão é visto rousseausticamente como um lobo, o que nos permitiria falar em certo "lupomorfismo", oposto, portanto, ao "pedomorfismo" (no sentido de Miklosi, 2007) já mencionado. O livro de Lonsdale é recheado de descrições de comportamentos prazerosos de animais despedaçando carcaças durante o ato de alimentação em seu nicho "natural". Destaca-se nestas propostas a ênfase em um suposto estado de bem-estar animal, tanto físico quanto mental, mediado pelo reencontro com uma natureza lupomórfica perdida – e pervertida, por certo, pelo contrato domesticatório (Larrère, 1999) e seus indicadores culturais, como o cozimento (Lévi-Strauss, 2010). Para os adeptos da BARF e da RMB, a radicalização contemporânea da alienação entre o cão e seu "lobo interior" se daria de forma emblemática na *pet food* industrial, espécie de "hipercozimento" técnico, centrado muito mais na *nutrição* do que na *alimentação*. O primitivista Lonsdale opõe um registro arqueológico e evolutivo ao frio artificialismo dos especialistas:

> Se a Natureza acertou em cheio, como foi que nós, como sociedade, erramos tão feio? Eu poderia adiantar várias respostas, mas um denominador comum parece ser nossa crença mal justificada nos supostos especialistas. Durante a evolução humana, nossos ancestrais, vivendo em cavernas e abrigos improvisados, ofereceram aos ancestrais dos cães modernos uma dieta excelente – carcaças inteiras quando disponíveis, do contrário, ossos carnudos crus, vísceras e restos de outros alimentos. Provavelmente, nossos ancestrais dedicavam pouca ou nenhuma reflexão à dieta de seus cães. Eles faziam o que vinha naturalmente. Para nós, nossos pensamentos e ações estão condicionados às palavras de especialistas. Discutimos alimentação não em termos de como jogar uma carcaça para fora da caverna, mas em termos de calorias, proteínas e gorduras e uma gama de conceitos específicos implantados em nossas mentes por especialistas.[9]

Assim, alimentar o "lobo interior" é um hábito saudável que reproduz os hábitos supostamente encontrados na "natureza" pré-contratual, ou seja, é um

tipo de primitivismo neorromântico.[10] Como reconhece Molly Mullin (2007), a "besta interior" e o "resgate do selvagem" são tropos bastante recorrentes na publicidade e na cultura popular, sobretudo em relação aos produtos destinados para *pets*. Esta discussão põe em questão o estatuto evolutivo do cão domesticado, dividindo-se entre uma escola carnivorista mais estrita, representada pelos "ossos carnudos crus", de Tom Londsdale, e uma posição onivorista mais ampla, sustentada pelos proponentes da comida crua "biologicamente apropriada", que admite vegetais e frutas na dieta canina e é mais tolerante com algum processamento dos alimentos.[11]

Cães veganos: contra-ataque antinaturalista

Cruzando a barreira interespecífica, é importante ressaltar o quanto o debate sobre a dieta "original", agora de humanos, também anima as discussões que envolvem defensores e críticos do consumo de carne. Em seu livro de popularização científica *Sinal verde para a carne vermelha* (2011), o nutrólogo e cirurgião vascular Wilson Rondó Jr. defende a tese segundo a qual a alimentação original dos "proto-humanos" era essencialmente vegetariana, mas que "há cerca de 2,5 milhões de anos eles desceram das árvores, desenvolveram pés funcionais e adotaram a postura ereta [...] nesta evolução, aprenderam não somente a abater e a caçar os predadores, mas também as presas, transformando-se em caçadores" (:91). O resultado desta transformação teria sido o aumento da caixa encefálica de 500cm^3 para 1.350cm^3, o que, na sua acepção, "fez-nos dominar a cadeia alimentar".[12] Ao contrário, as publicações (impressas e virtuais) do campo vegetariano tendem a defender a tese de inadequação biológica do ser humano para o consumo carnívoro, apoiando-se em comparações anatômicas e fisiológicas entre humanos e espécies carnívoras.

O manual vegetariano *O que há de errado em comer carne?*, de Avadhútika Ánandamitra Ácarya – reeditado desde 1979 e traduzido em diversas línguas – traz uma tabela sinótica contrastando humanos, herbívoros, frugívoros e carnívoros, na qual categorias como a presença ou a ausência de garras, dentição, o tamanho das glândulas salivares, acidez da saliva, tamanho e estrutura do intestino, além de composição química do estômago, são comparadas. Esta tabela, com maior ou menor grau de complexidade e fidelidade à original, é reproduzida em manuais de outros autores e circula amplamente nos circuitos virtuais de enfrentamento entre carnívoros e vegetarianos na internet, servindo como referência em acaloradas discussões.

A semelhança do organismo humano com todas as características não carnívoras é ressaltada pela tabela como prova da impertinência do consumo de carne

pela espécie humana, e passa a ser considerado, quando muito, como um tipo de sobrevivência inócua de um momento evolutivo já ultrapassado. Em grande medida, debates como este podem ser considerados como ressonâncias, no campo da ética alimentar, da chamada "hipótese do grande erro" [*big mistake hypotesis*]. Trata-se, na biologia evolutiva, da suposição de que o comportamento humano está mal adaptado ao meio ambiente contemporâneo em função das radicais diferenças em face do meio ancestral que emergiram com o tempo (Abrantes & Almeida, 2011:283). Esta postura contrasta com a defendida pelo Dr. Rondó e outros defensores da pertinência evolucionária do consumo de carne, para os quais vale o princípio: se a carne nos *fez* humanos (filogeneticamente), é necessário prosseguir consumindo-a, na medida em que ela nos *faz* humanos (ontogeneticamente).

É importante lembrar que, no campo da paleoantropologia, tomado por vezes como instância de validação para alegações sobre a "dieta evolutiva original", as polêmicas e as controvérsias são tão acirradas quanto no campo leigo. Enquanto autores como Bunn (2007) argumentam que o incremento do consumo de carne teve papel decisivo para o aparecimento da humanidade no período pleistoceno, Wrangham e seus colegas (1999) defendem que o fator decisivo, em verdade, teria sido a descoberta do cozimento. Ora se articulam, ora concorrem entre si, na arena científica, concepções centradas na "hipótese do caçador" e na "hipótese do cozimento", esta última sustentada não apenas por evidências arqueológicas, mas também pela suposta dificuldade de vigência, no tempo presente, de dietas puramente crudívoras entre seres humanos (Wrangham *et al.*, 1999; Wrangham, 2010).

Na discussão sobre *evodiets* caninas, a categoria do "instinto" também é enfocada por autores como Londsdale como crucial para se esclarecer qual seria o regime alimentar mais apropriado. Em sua proposta, é recomendado não apenas o consumo de fartas quantidades de carne crua, como também a sua apresentação *in natura* – carcaças com ossos, carne e vísceras – para serem devoradas diretamente sobre o solo por cães e gatos. No caso dos cães, essa prática alimentar funda-se na ideia do "lobo interior" que habita cada cão doméstico. Haveria todo um *enskillment* (Ingold, 2000) caçador e primitivo dos canídeos selvagens passível de ser reativado no cão doméstico através da oferta de carcaças cruas, mesmo que o cenário seja o ambiente construído da *dwelling* humana, como um jardim ou um recinto azulejado para facilitar a posterior limpeza do sangue vertido no bacanal canino:

> Se você assiste ao canal de TV Discovery Channel verá carnívoros fazendo o que a Natureza pretendia – caçando e consumindo grandes carcaças de outros animais. Se nossos cães de estimação tivessem a oportunidade, eles estariam fazendo o mesmo. Note: Caçando carcaças, não caçando carne.[13]

Nas palavras de Lonsdale, o importante é transformar "a sua casa em um verdadeiro zoológico". Paralela e inversamente, no caso humano, o instinto também é evocado como categoria por alguns vegetarianos para explicar a improcedência do carnivorismo:

> A fruta está ali, reluzente, ao nosso dispor, pronta para nos servir, para nos nutrir, elaborada por quem mais entende das coisas, a nossa Mãe Natureza. [...] Agora imagine um animal vivo à sua frente, um boi, por exemplo, caminhando como nós, pois tem músculos, ossos, ligamentos e órgãos. Até hoje não encontramos alguém que tenha presenciado tal cena e ficado com água na boca. Isso ocorreria com um animal carnívoro, o leão [...] Seus olhos brilhariam de desejo, seu corpo se prepararia para saltar e ele atacaria o animal com suas presas e garras, arrebatando-lhe a vida e alimentando-se dele (Nakashima *et al.*, 2005:22)

A natureza ancestral não é o único modelo para o mercado intelectual de prescrições alimentares para humanos e animais. Deve ser ressaltado que parte substancial da militância vegetariana se assenta, ao contrário, numa radical rejeição ao naturalismo e à evolução biológica em sua dietética, consignada na denúncia da "falácia naturalista",[14] segundo a qual nossa condição biológica, por si só, não teria o poder de prescrever o que é certo e o que é errado em termos alimentares.

Para aqueles que se apropriam do discurso dos direitos animais como uma espécie de imperativo moral kantiano, a anterioridade da ética sobre a natureza é o verdadeiro princípio a ser seguido: mais vale não compactuar com a crueldade entre as espécies do que suprir suas necessidades nutricionais consumindo produtos de origem animal. Suplementos de vitamina B12, assim como a substituição proteica oferecida pela soja e outros grãos, passam a ser, simultaneamente, o preço a ser pago por esta modalidade de ascetismo dietético que, em nome de uma utopia vegana, rejeita toda exploração animal como fonte alimentar.

O livro Cães *Veganos* (2008) salienta que estes necessitam de "nutrientes e não de ingredientes", de modo que seria possível supri-los daquilo que precisam sem passar necessariamente pela predação e abate de outros animais. Em

outras palavras, os organismos necessitam de proteínas, gorduras e vitaminas, e não dos alimentos propriamente ditos que os contêm. O suposto onivorismo dos cães é tratado por esta literatura como aval suficiente para direcioná-los a uma dieta de origem exclusivamente vegetal, espécie de "tábula rasa" natural, capaz de ser moldada através das escolhas eticamente conscientes dos humanos. A exportação do veganismo humano para os *pets* assume, assim, a posição de um fundamentalismo iluminista, segundo o qual se faz possível pensar em uma verdadeira reforma da natureza. Esta modalidade prometeica de utopia atinge seu ápice em especulações biotecnológicas, como a "reprogramação genética de predadores", proposta pelo filósofo britânico David Pearce, uma voz bastante influente no *millieu* radical da causa animal. Segundo esta proposta,

> uma biosfera sem sofrimento é tecnicamente viável. Em princípio, a ciência pode produzir um mundo livre de crueldade, no qual não haja a assinatura molecular da experiência desagradável. Não só o mundo vivo pode sustentar a vida humana baseada em gradientes geneticamente pré-programados de bem-estar humano. Se levado plenamente a cabo, o projecto abolicionista implica a reconcepção de ecossistemas, a imunocontracepção, nanorrobôs marinhos, a rescrita do genoma dos vertebrados, e o controlo do crescimento exponencial dos recursos computacionais para gerir um ecossistema global compassivo. Em última análise, é uma escolha ética os agentes morais inteligentes optarem ou não por criar tal mundo – ou, ao invés, exprimir os preconceitos do nosso *status quo* natural e perpetuar indefinidamente a biologia do sofrimento. [...] Na sua maioria, as cerca de 50.000 espécies vertebradas do planeta são vegetarianas. Mas entre a minoria de espécies carnívoras encontram-se algumas das mais bem conhecidas criaturas do planeta. Dever-se-ia permitir que estes assassinos em série continuem a predar indefinidamente outros seres senscientes?[15]

Pearce prega a adoção humana do veganismo como um passo importante, mas não suficiente para a plena consecução do projeto abolicionista. Seu horizonte escatológico projeta-se em direção a um mundo livre da *predação*, o que englobaria, em última análise, toda a biota carnívora e onívora do planeta Terra. Embora sua postura extrema não seja seguida (e nem mesmo conhecida) pela maioria no movimento, ela auxilia a revelar, na condição de *reductio ad absurdum*, o nicho antinaturalista do *meshwork* de referências culturais do veganismo. Ademais, serve como exemplo para problematizar a ideia, mais ou menos corrente, de que práticas e ideologias *veg* seriam predominantemente fundadas em

uma racionália "naturalista", calcada na ideia extremamente vaga de "alimentação natural". Ao contrário, o ideal de alguns veganos não parece ser um retorno à natureza original ou um resgate dela, mas sim uma ultrapassagem ético-salvífica desta.

Não é excessivo recordar que, para a tradição judaico-cristã, além de uma íntima relação entre o consumo carnívoro e o abandono do paraíso, o pecado original não só colocou o homem em estado de desgraça, *como também toda a natureza* (Pondé, 2003, 2004; Critchley, 2012). Assim, se cachorros e gatos já são suficientemente parte do mundo humano para compartilharem conosco dramas do atual contexto civilizacional, como a depressão (Segata, 2012) e a obesidade (Kulick, 2009), qual seria exatamente o problema ou a barreira impeditiva para incluí-los como partícipes em nossas modalidades contemporâneas de ascetismo intramundano e alimentar?

Conclusões

Guardadas as devidas proporções, mas considerando-se fortemente a hipótese de que estruturas de longa duração histórica ainda ressoam em nossas práticas contemporâneas, torna-se possível estabelecer alguma similitude entre as propostas alimentares aqui enfocadas – BARF e RMB, de um lado, vegetarianismo e veganismo animal, de outro – e a seguinte conjuntura da rejeição à religião oficial exposta por Carlo Ginzburg a respeito da *polis* grega:

> Numa e noutra vertente, a religião da cidade, que tinha no sacrifício o seu próprio centro, foi obrigada a enfrentar dupla contestação, representada pelas formas de religiosidade radical que eram defendidas, respectivamente, pelos seguidores de Pitágoras e Dioniso. Os primeiros condenavam – de forma menos ou mais decidida – a alimentação com carne, vista como obstáculo no caminho de uma perfeição que deveria aproximar deuses e homens. Os segundos tendiam a abolir a distância entre homens e animais recorrendo ao ritual sanguinário da homofagia, em que os animais eram despedaçados e devorados ainda crus – quase vivos (2012:271).

A divergência em relação à prática oficial do sacrifício ou bem se dava em registro *ascendente*, procurando aproximar-se dos deuses através da rejeição do *conteúdo* material do sacrifício (a carne), ou bem se dava em registro *descendente*, procurando aproximar-se das bestas feras através da rejeição do *procedimento formal* do mesmo (o cozimento).

Percebe-se claramente que, nas propostas da BARF e da RMB, a aproximação

entre o cachorro e seu "lobo interior" se dá através da rejeição do elemento cultural, industrial, *formal*, do cozimento. É uma espécie de contracozinha primitivista (Montanari, 2008), cuja ênfase recai sobre o resgate de uma naturalidade evolutiva original nas relações humano-animais. Já no caso dos cães veganos, destaca-se a rejeição da *carne* em favor de uma aproximação do animal a um modelo civilizacional supostamente vindouro, marcado por uma hipercontratualidade ética das relações humano-animais, fazendo uso do progresso tecnológico para a realização de sua utopia.

Por fim, as controvérsias envolvendo a alimentação dos animais ilustram exemplarmente os dilemas do próprio conceito de domesticação e de suas narrativas fundadoras (Mullin, 2007). Não somente por evidenciarem as diferentes representações do "doméstico" (como o aprofundamento da distinção de valor e sentido entre "animais de produção" e "animais de estimação"), mas também pelos próprios usos rousseauistas da ideia-motriz do (bom) "selvagem" não desvirtuado pelos excessos industriais e civilizacionais do contrato domesticatório. Assim, contrariamente ao lobo humano hobbesiano, predador competitivo da própria espécie, o lobo interior dos cães carcacívoros libertaria uma romântica alegria de viver, rosseauista e originária, dos primeiros canídeos selvagens que se aproximaram de nossa espécie. No bojo desta proposta há toda uma crítica romântica aos excessos da sociedade industrial, simétrica e inversa ao iluminismo radical e prometeico dos cães veganos, com sua promessa de uma ciência redentora dos males do pecado original carnívoro.

No campo da alimentação humana, sabe-se que o investimento em contracozinhas e dietas alternativas demanda certo investimento social e financeiro por parte de quem as adota. Alimentar-se "naturalmente", argumenta Ulrich Beck (2010), exige uma espécie de alquimia culinária implícita, coisa que nem todos estão dispostos a adotar ou custear. Há de se pensar o mesmo para as dietas alternativas caninas, principalmente aquelas como a BARF e a RMB que exigem espaço físico, busca por ingredientes específicos e determinado desapego das facilidades oferecidas pela indústria da *pet food*. De acordo com Mullin (2007:278), a contemporânea criação de *pets*, quando não é celebrada, é caricaturizada como uma forma de antropomorfismo e consumo conspícuo. Assim colocada a questão, compreende-se como o "selvagem" pode emergir neste contexto como categoria política, seja através do resgate de uma feracidade perdida, seja através da sua sublimação por meio da veganização dos animais.

Recebido em 01/10/2012
Aceito em 05/12/2012

Bernardo Lewgoy é doutor em Antropologia pela USP (2000) é antropólogo, professor do PPGAS/UFRGS e pesquisador do CNPq. Pesquisa Antropologia da Religião (com ênfase em espiritismo) e Antropologia das Relações Humanos-Animais. É autor de um livro (*O Grande Mediador: Chico Xavier e a Cultura Brasileira*. Edusc, 2004) e de diversos artigos e capítulos em coletâneas. Atualmente é presidente da Câmara de Pesquisa da UFRGS e membro do Comitê de Ética em Pesquisa desta universidade. Coordena também o grupo de pesquisa Espelho Animal: Antropologia das Relações entre Humanos e Animais.

Caetano Sordi é bacharel em ciências sociais pela UFRGS (2010) e graduando em filosofia pela PUCRS, através da qual realizou intercâmbio com a Ebehrard-Karls Universität Tübingen, Alemanha, em seu Philosophisches Seminar (2008-2009). Bolsista CAPES/Reuni de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, onde realiza pesquisa sobre as controvérsias envolvendo o consumo e a produção de carne no Brasil (2011-2012), sob orientação do Prof. Bernardo Lewgoy. É autor de artigo e de capítulo de livro sobre a temática das relações humano-animais, próprios e em coautoria. Em antropologia, possui experiência na área de relações humano-animais e em antropologia da alimentação. Em filosofia, tem experiência na área de filosofia política, teoria da opinião pública e teologia política, com ênfase na obra de Giorgio Agamben.

Notas

1. Disponível em: http://www.petfoodindustry.com/Petfood_top_10__Riding_out_the_storm.html. Acesso em: 27/07/2012.

2. A outra companhia brasileira é a Nutriara Alimentos Ltda., sediada em Arapongas (PR).

3. Disponível em: http://www.accessdata.fda.gov/scripts/newpetfoodrecalls/. Acesso em: 27/07/2012.

4. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/2007_pet_food_recalls. Acesso em: 21/12/2012

5. Diversos títulos podem ser acessados em http://www.amazon.com/s/ref=nb_sb_noss_1?url=search-alias%3Dstripbooks&field-keywords=pet+food. Acesso em: 01 /08/2012.

6. Disponível em: http://www.cachorroverde.com.br. Acesso em: 01/08/2012

7. Disponível em: http://www.rawmeatybones.com/translations/portugal/intro.html. Acesso em: 27/07/2012

8. Disponível em: http://www.rawmeatybones.com/translations/portugal/01.pdf. Acesso em: 27/07/2012.

9. Disponível em: http://www.rawmeatybones.com/translations/portugal/01.pdf. Acesso em: 27/07/2012.

10. Essa oposição rousseausta entre saber ancestral natural e a artificialidade do laboratório na representação da ração animal foi destacada por Molly Mullin (2007). Também Ingold (2001), em outro registro, chamou a atenção para a idealização racionalista dos comportamentos "naturais".

11. Nessas controvérsias, o cachorro ocupa, através do tema do hábito alimentar, o lugar de maior ambiguidade classificatória e valorativa, em oposição ao carnivorismo dos gatos.

12. Declaração retirada de uma palestra da qual o Dr. Rondó participou em 2011, e não do livro citado nas referências.

13. Disponível em: http://www.rawmeatybones.com/translations/portugal/01.pdf. Acesso em: 27/07/2012.

14. Expressão cunhada pelo filósofo G. W. Moore em seu *Principia Ethica* (1903): trata-se da impropriedade que consiste em derivar prescrições de descrições.

15. Disponível em: http://www.hedweb.com/abolitionist-project/reprogramming-predators.html. Acesso em: 27/07/2012.

Referências bibliográficas

ANDRADE, S.J.T. 1999. “Doenças digestivas de origem alimentar nos sistemas intensivos de produção de carne bovina”. In: J.F.P. Lobato; J.O.T. Barcellos & A.M. Kessler. *Produção de bovinos de corte.* Porto Alegre: EDIPUCRS.

ÁCARYA, A.A. 2011. *O que há de errado em comer carne?* Brasília: Ananda Marga.

BECK, Ulrich. 2010. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade.* São Paulo: Editora 34.

BUNN, Henry T. 2010. “Meat made us human” In: Peter S. Ungar (ed.). *Evolution of the human diet: the known, the unknown, and the unknowable.* Oxford: Oxford University Press

CASE, Linda *et al.* 2011. *Canine and feline nutrition: a resource for companion animal professionals.* Maryland Heighs: Elsevier.

CRITCHLEY, Simon. 2012. *The faith of the faithless: experiments in political theology.* London: Verso.

DAS, Veena. 1995. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India.* New Delhi: Oxford University Press.

GINZBURG, Carlo. 2012. *História Noturna: decifrando o Sabá.* São Paulo: Companhia das Letras.

KULICK, Don. 2009. “Animais Gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies”. *Mana,* 15 (2) : 481-508.

LARRÈRE, Raphaël. 1999. “Le loup, l’agneau et l’éleveur”. *Ruralia*, 05 : 02-11.

LATOUR, Bruno. 2011. *A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos.* Bauru: EDUSC.

______. 2004. *Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia.* Bauru: EDUSC.

______. 2009. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.* São Paulo: Editora 34.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2009. “A lição de sabedoria das vacas loucas”. *Estudos Avançados,* São Paulo, v. 23, n. 67: 211-216.

______. 2010. *O cru e o cozido [Mitológicas 1].* São Paulo: Cosac Naify.

MIKLÓSI, Ádám. 2007. *Dog behaviour, evolution and cognition.* Oxford: Oxford University Press.

MONTANARI, Massimo. 2008. *Comida como cultura.* São Paulo: Senac.

MULLIN, Molly. 2007. "Feeding the animals". In: Molly Mullin & Rebecca Cassidy. *Where the wild things are now: domestication reconsidered.* New York: Berg.

NAKASHIMA, I.A.; TEIXEIRA, A.A.F. & NAKASHIMA, P.C.A. 2011. *Lar Vegetariano: introdução ao vegetarianismo/filosofia/nutrição espiritual.* São Paulo: Cultrix.

PONDÉ, Luiz Felipe. 2003. *Crítica e Profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski.* São Paulo: Editora 34

______. 2004. *Conhecimento na desgraça: ensaio de epistemologia pascaliana.* São Paulo: Edusp.

PORCHER, Jocelyne. 2011. *Vivre avec les animaux: une utopie pour le XXIe siècle.* Paris: La Découverte/M.A.U.S.S.

RONDÓ JR, Wilson. 2011. *Sinal verde para a carne vermelha: uma nova luz sobre a alimentação saudável.* São Paulo: Gaia.

SEGATA, Jean. 2012. *Nós e os outros humanos, os animais de estimação.* Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.

WRANGHAM, R.W.; JONES, J.H.; LADEN, G.; PILBEAN, D. & CONKLIN-BRITTAIN, N. 1999. "The raw and the stolen: Cooking and the ecology of human origins". *Current Anthropology,* 40: 567–594.

______. 2010. *Pegando Fogo: por que cozinhar nos tornou humanos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Resumo

A emergência de dietas alternativas cruzou a barreira das espécies e hoje é um fenômeno que também se verifica no campo da nutrição animal. Entre críticas à indústria da *pet food* e propostas radicais de "vegetarianização" dos animais domésticos, identificamos um amplo campo de controvérsias leigas e profissionais que este artigo intenta mapear. Verificam-se, igualmente, mudanças de sensibilidade, representações e realidades de mercado relacionadas tanto aos animais de corte quanto aos animais de estimação. Enquanto os primeiros são cada vez mais compreendidos como máquinas produtivas, os segundos são objeto de uma hipersubjetivação que se reflete em produtos cada vez mais distantes da mera "nutrição" (o abastecimento orgânico, a subsistência) e próximos da "alimentação" (a comida comportando significado e *status*). O artigo reconstrói este universo a partir de dois eventos críticos que expuseram os meandros globalizados da grande rede sociotécnica da alimentação animal: os surtos de Encefalopatia Espongiforme Bovina (doença da Vaca Louca) na década de 1990, na Europa, e o grande *pet food recall* de 2007, nos Estados Unidos.

Palavras- chave: antrozoologia, antropologia da alimentação, alimentação animal, culinária alternativa, *pet food recall*, doença da Vaca Louca.

Abstract

The emergence of alternative diets crossed the species barrier and today is a phenomenon that also occurs in the field of animal nutrition. Among the criticism of pet food industry and radical proposals such as "animal vegetarianism", we identify a wide range of lay and professional controversies that this article aims to map. There are also changes in sensibilities, representations and market realities which are related both to farm animals and pets. While the former are increasingly understood as productive machines, the latter are subject of a hipersubjetivation process reflected on products that are increasingly distant from mere "nutrition" (the organic supply, the subsistence) and close to "food" (which implies status and signification). The article reconstructs this universe from two critical events that exposed the intricacies of the large sociotechnical network of animal nutrition: the outbreaks of Bovine Spongiform Encephalopathy (BSE) during the 1990s in Europe and the big 2007 pet food recall in the United States.

Keywords: Anthrozoology, Anthropology of food, animal nutrition, alternative culinary, pet food recall, Bovine Spongiform Encephalopathy.